

O Evangelho
Segundo o
Espiritismo

Allan Kardec

www.livroesoterico.com.br

ÍNDICE

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

Objetivo desta obra – Autoridade da Doutrina Espírita – Notícias históricas – Sócrates e Platão, precursores da idéia cristã e do Espiritismo

CAPÍTULO I - NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo. Aliança da Ciência e da Religião. **-Instruções dos Espíritos:** A nova era.

CAPÍTULO II - MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

A vida futura. - A realeza de Jesus. - O ponto de vista. - **Instruções dos Espíritos:** Uma realeza terrestre.

CAPÍTULO III - HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

Diferentes estados da alma na erraticidade. - Diferentes categorias de mundos habitados. - Destinação da Terra. Causas das misérias terrenas. - **Instruções dos Espíritos:** Mundos superiores e mundos inferiores. - Mundos de expiações e de provas. - Mundos regeneradores. - Progressão dos mundos.

CAPÍTULO IV - NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e Reencarnação. - A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe. - **Instruções dos Espíritos:** Limites da encarnação. - Necessidade da encarnação.

CAPÍTULO V - BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Justiça das aflições. - Causas atuais das aflições. - Causas anteriores das aflições. - Esquecimento do passado. - Motivos de resignação. - O suicídio e a loucura. - **Instruções dos Espíritos:** Bem e mal sofrer. - O mal e o remédio. - A felicidade não é deste mundo. - Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras. - Se fosse um homem de bem, teria morrido. - Os tormentos voluntários. - A desgraça real. - A melancolia. - Provas voluntárias. O verdadeiro cilício. - Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? - Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? - Sacrifício da própria vida. - Proveito dos sofrimentos para outrem.

CAPÍTULO VI - O CRISTO CONSOLADOR

O jugo leve. Consolador prometido. - **Instruções dos Espíritos:** Advento do Espírito de Verdade.

CAPÍTULO VII - BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

O que se deve entender por pobres de espírito. - Aquele que se eleva será rebaixado. - Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes. - **Instruções dos Espíritos:** O orgulho e a humildade. - Missão do homem inteligente na Terra.

CAPÍTULO VIII - BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM PURO O CORAÇÃO

Simplicidade e pureza de coração. - Pecado por pensamento. Adultério. - Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. - Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a. **Instruções dos Espíritos:** Deixai que venham a mim as criancinhas. - Bem-aventurados os que têm fechados os olhos.

CAPÍTULO IX - BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências. - **Instruções dos Espíritos:** A afabilidade e a doçura. - A paciência. - Obediência e resignação. - A cólera.

CAPÍTULO X - BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoai, para que Deus vos perdoe. - Reconciliação com os adversários. - O sacrifício mais agradável a Deus. O argueiro e a trave no olho. - Não julgueis, para não serdes julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado. - **Instruções dos Espíritos:** - Perdão das ofensas. - A indulgência. - É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

CAPÍTULO XI - AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O mandamento maior. Fazermos aos outros o que queiramos que os outros nos façam. Parábola dos credores e dos devedores. - Dai a César o que é de César. - **Instruções dos Espíritos:** A lei de amor. - O egoísmo. - A fé e a caridade. - Caridade para com os criminosos. - Deve-se expor a vida por um malfeitor?

CAPÍTULO XII - AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Retribuir o mal com o bem. - Os inimigos desencarnados - Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra. - **Instruções dos Espíritos:** A vingança. - O ódio. O duelo.

CAPÍTULO XIII - NÃO SAIBA A VOSSA MÃO ESQUERDA O QUE DÊ A VOSSA MÃO DIREITA

Fazer o bem sem ostentação. - Os infortúnios ocultos. - Óbolo da viúva. - Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição. - **Instruções dos Espíritos:** A caridade material e a caridade moral. - A beneficência. A piedade. - Os órfãos. - Benefícios pagos com a ingratidão. - Beneficência exclusiva.

CAPÍTULO XIV - HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Piedade filial. - Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? - Parentela corpórea e parentela espiritual. - **Instruções dos Espíritos:** A ingratidão dos filhos e os laços de família.

CAPÍTULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O de que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do bom samaritano. - O mandamento maior. - Necessidade da caridade, segundo S. Paulo. - Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação. - **Instruções dos Espíritos:** Fora da caridade não há salvação.

CAPÍTULO XVI - NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Salvação dos ricos. - Preservar-se da avareza. - Jesus em casa de Zaqueu. - Parábola do mau rico. Parábola dos talentos. - Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria. - Desigualdade das riquezas. - **Instruções dos Espíritos:** A verdadeira propriedade. - Emprego da riqueza. - Desprendimento dos bens terrenos. - Transmissão da riqueza.

CAPÍTULO XVII - SEDE PERFEITOS

Caracteres da perfeição. - O homem de bem. - Os bons espíritos. - Parábola do semeador. - **Instruções dos Espíritos:** O dever. - A virtude. - Os superiores e os inferiores. - O homem no mundo. - Cuidai do corpo e do espírito.

CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Parábola do festim de bodas. - A porta estreita. - Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus. - Muito se pedirá àquele que muito recebeu. - **Instruções dos Espíritos:** Dar-se-á àquele que tem. - Pelas suas obras é que se reconhece o cristão.

CAPÍTULO XIX - A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé. - A fé religiosa. Condição da fé inabalável. - Parábola da figueira que secou. - **Instruções dos Espíritos:** A fé: mãe da esperança e da caridade. - A fé humana e a divina.

CAPÍTULO XX - OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros. - Missão dos espíritos. - Os obreiros do Senhor.

CAPÍTULO XXI - HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Conhece-se a árvore pelo fruto. - Missão dos profetas. - Prodígios dos falsos profetas. - Não creais em todos os Espíritos. - **Instruções dos Espíritos:** Os falsos profetas. - Caracteres do verdadeiro profeta. - Os falsos profetas da erraticidade. - Jeremias e os falsos profetas.

CAPÍTULO XXII - NÃO SEPREIS O QUE DEUS JUNTOU

Indissolubilidade do casamento. - Divórcio.

CAPÍTULO XXIII - ESTRANHA MORAL

Odiar os pais. - Abandonar pai, mãe e filhos. - Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos. - Não vim trazer a paz, mas, a divisão.

CAPÍTULO XXIV - NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Candeia sob o alqueire. Porque fala Jesus por parábolas. - Não vades ter com os gentios. - Não são os que gozam saúde que precisam de médico. A coragem e a fé. - Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á.

CAPÍTULO XXV - BUSCAI E ACHAREIS

Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará. - Observai os pássaros do céu. - Não vos afadigueis pela posse do ouro.

CAPÍTULO XXVI - DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Dom de curar. - Preces pagas. - Mercadores expulsos do templo. - Mediunidade gratuita.

CAPÍTULO XXVII - PEDI E OBTEREIS

Qualidades da prece. - Eficácia da prece. - Ação da prece. Transmissão do pensamento. - Preces inteligíveis. - Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores. - **Instruções dos Espíritos:** Maneira de orar. - Felicidade que a prece proporciona.

CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Preces gerais. – Preces por aquele mesmo que ora. – Preces por outrem. – Preces pelos que já não são da terra. – Preces pelos doentes e pelos obsidiados

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no reino dos Céus.

O ESPÍRITO DE VERDADE

NOTA - A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio.

INTRODUÇÃO

I - OBJETIVO DESTA OBRA

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas, as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as conseqüências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é inteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem

fazem que a maioria o leia por descargo de consciência e por dever, como lêem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se-lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

É certo que tratados já se hão escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da idéia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, em sendo oportuno.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as conseqüências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O Espiritismo se nos depara por toda a parte na antigüidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio. (1)

(1) Houvéramos, sem dúvida, podido apresentar, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas numa porção de outras cidades e centros, além das que citamos. Tivemos, porém, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam melhor no plano desta obra, reservando para publicações ulteriores as que não puderam caber aqui.

Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Ao demais, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Mencioná-los mais não fora, então, do que satisfazer ao amor próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância ligam. Compreendem eles,

que, por ser meramente passivo o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalça o mérito pessoal; e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o concurso que prestam.

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.

II - AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA

Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvera sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Cumpra-se assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofômanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas idéias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro exame comprobativo é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juizes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo.

Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas idéias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema conservar-se-á *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas idéias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: "Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos." A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância. Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espiritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, hão freqüentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram elas de abrir caminho e de avançar celeremente. E que tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as idéias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar.

Suponhamos praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

